

Dançar pe[n]sar pe[n]so leve

Sofia Karam

doutoranda – programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade

Puc- Rio

sofiakaram@gmail.com

Dança, escrita e pensamento

RESUMO

Um texto que se ensaia a partir de três intuições: os corpos precisam se movimentar, dançar e ocupar espaço; ver alguém dançando é contagiante; o cinema é uma forma artística privilegiada de apresentação dos corpos dançantes e um espaço de contato e ressonância no tocante ao espectador. A partir dessas intuições tomo a cena da corrida-dança do filme *Mauvais Sang* de Leos Carax, em que o personagem principal no meio da noite sai correndo pela rua ao som da música *Modern Love* de David Bowie, para ensaiar uma escrita que toque a dança e o pensamento. Sendo a dança um jogo com o peso do corpo engendrado pela interação com a força da gravidade, e o pensamento uma atividade que pesa as coisas sobre as quais ele pensa, apresento um exercício de escrita onde dançar e pensar se aproximam como movimento.

PALAVRAS-CHAVE

dança, cinema, corpo, escrita, pensamento

Esse texto é um pequeno recorte de uma das partes da minha dissertação de mestrado¹, onde a partir de uma coleção de cenas de filmes – que não são nem musicais nem filmes sobre dança – em que os personagens de repente irrompem em movimento e dançam, desenvolvi uma escrita atravessada por questões que tocam o corpo, o espaço, o sentido, o pensamento e a própria escrita. Olhando para esses momentos de dança não apenas como um intervalo na vida da personagem, mas como um momento de força, uma explosão que se faz na continuidade de uma conversa ou de um pequeno gesto que engendra um movimento maior. Um dança no meio do dia, que não se trata de uma dança profissional, mas que marca esse corpo que é exposição. Corpo atirado ao espaço, que cria espaço. Que é espaço. Abrindo sentidos. E contagiando.

A cena da corrida-dança de Alex em *Mauvais Sang* [1986] de Leos Carax: Anna, interpretada por Juliette Binoche, e Alex, por Denis Lavant, estão já há algum tempo conversando. Alex ama Anna desde que a viu pela primeira vez fortuitamente no ônibus e a ama cada vez mais durante essa sequência e ao longo do filme. Anna ama outro homem, um senhor mais velho que contratou Alex para um trabalho ilegal. Anna está deitada no vermelho berrante das roupas de cama e pede para Alex que coloque uma música, um disco, antes que a melancolia tome conta de tudo. Alex tem dificuldade em escolher e coloca a rádio; ele gosta de

¹ *O que pode um corpo filmado: inventário de corpos dançantes no cinema* – Sofia Baptista Karam. Puc-Rio, abril 2014.

rádio, pois basta ligar e podemos cair numa música na qual podíamos estar pensando. Depois de uma brincadeira com o botão que sintoniza, para em uma estação que toca uma canção de amor em francês, uma canção triste. Alex diz “escutemos, e nos deixemos guiar por nossos sentimentos”, vai em direção a porta de vidro, que dá para rua, acende um cigarro, traga, a música enche a cena, é triste, e o cantor ecoa a última frase, “*eu a amava, eu a matei*”. O locutor então anuncia a próxima música: “...*E agora, para Christophe, oferecida por Juliette, o amor moderno por David Bowie.*” Alex vira de costas e toca o estômago, começa *Modern Love* de David Bowie, ouvimos os primeiros acordes, uma guitarra percussiva, frenética, seguida pela bateria, e logo o piano que compõe a base harmônica. Alex coloca as mãos no estômago, se vira, anda curvado, ergue-se, corre, abre o peito, salta, dança. Explode! Uma energia incrível se desprende de seu corpo, transborda, enche a sala de cinema. Ele segue pela rua como se o estômago apertasse, como se um movimento, uma força, um mal-estar viesse do estômago, do centro do corpo. A câmera o acompanha em um movimento lateral. Ele se dobra enquanto anda, soca a barriga, segue em frente, com passos largos, salta, libera o peito no ar, corre, gira, executa passos largos, salta, mexe com a cabeça, coloca as mãos na cabeça, soca o tronco, abre o peito, dá uma volta no ar com a ajuda das mãos, corre, corre, corre, salta, grita (vemos só o movimento da boca sem som). De repente, um corte, a música cessa, Alex para como se freasse e volta correndo para perto de Anna, uma outra melodia ecoa, melancólica. Ele chega e Anna não está mais deitada na cama, apenas o vestígio do seu corpo marcado no lençol

vermelho.

O corpo é iminência de movimento, uma potência, um ponto de partida. Um corpo parado, um corpo passivo, aberto e espaçoso, atravessado pelo contato com o mundo, e daí, sentidos surgem, escapam. E o corpo pode explodir em movimento, dançar, se dobrar, saltar, dar cambalhotas, desafiar a lei da gravidade. O movimento é um possível para o corpo. O corpo não se aguenta, quer expandir, dança, contagia. Sentada na sala escura do cinema, quero sair correndo, dando cambalhotas no ar, dançando como Alex, ou ver de novo, rever e rever esta cena. Meus olhos são tomados, mobilizados. Os corpos dançantes, em cenas como essa, dançam, como se não pudessem se aguentar em si, de dor ou de alegria, para acompanhar uma música, em busca de prazer, alívio, resistência, um possível para continuar. Uma forma de *fisicalizar e espacializar* a existência. Uma explosão. O cinema nos ajuda a ver possibilidades de vida. O cinema pode ser uma vidência. Por vezes, eu quero me levantar, dançar no ônibus, na sala de aula, na fila do banco; no cinema, sentados, vemos esta liberdade em movimento.

Por que preciso dançar? Por que quero dançar? Dançar por não se aguentar em si, por não aguentar ficar trancado. Mas o que é ficar trancado? O que está trancado no corpo? A alma? O pensamento? É o corpo que não se aguenta trancado ou algo dentro do corpo que precisa sair que torna o movimento uma urgência? Mas o corpo é dentro e fora, e é cheio de outros corpos. É também uma ideia, "*um corpo é imaterial. É um desenho, um contorno, uma ideia*" (NANCY, 2012: 43) [...] "*o corpo é visível, a alma, não*" (2012: 44). Pelo menos a parte externa do corpo está

sempre sob nossos olhos, e na dança o que vemos é este exterior em movimento, que toca o interior. A dança mexe com a alma e "*espacializa* o pensamento", como escreve Hélia Borges. Cria espaços potentes, possíveis. Visíveis. O pensamento se faz no corpo, corpo do pensamento.

Este corpo que não se aguenta trancado é um corpo cheio de pensamento. "*um mexer-se da alma*" (NANCY, 2012: 48). Corpo que não é apenas um, que são corpos, que é espaço e toca o espaço. Corpo que é iminência de movimento e também, repouso, cansaço. Algo o atravessa que desencadeia o movimento? Corpo atravessado pelo mundo e que atravessa o mundo. A visão da dança contagia, como diz Jean-Luc Nancy: "... *O que é surpreendente na dança, é que ela é imediatamente participação. Vejo um dançarino, então, ou não vejo nada ou danço com ele – mais ou menos*" (NANCY, 2004: 67). No cinema, dançamos com os olhos, com a sensação, e o prazer de ver o outro dançar.

Nancy menciona em uma entrevista que ainda não foi feito um estudo da relação com a dança que existe em muitos textos ao longo da filosofia, que não se ocupam diretamente de dança, mas onde questões como movimento, deslocamento e espaço são cruciais, e que sem dúvida, se relacionam com o que é a dança. Há correspondências entre a dança e o pensamento, no sentido do pensamento que começa, incerto, desconhecido, e que como um corpo dançante entra em um espaço aberto por ele mesmo [o pensamento], mas que ele, nem ninguém, nunca antes penetrou (MONNIER, NANCY, 2005: 112). A dança e o pensamento como movimento de nascimento. Pensar o impensado pode ser entrar na dança. O interesse de Nancy pela dança e pela fisicalidade do

pensamento se encontra também em suas leituras de Nietzsche, onde ele se dá conta de que o pensamento é físico, que é peso, mas não no sentido em que a dança produziria pensamentos, e sim, em uma origem que poderia ser comum ao pensamento e a dança. Não que o pensamento seja uma consequência de uma ação física, e sim, que ele seja o físico mesmo, o fazer-se pe[n]sar dentro do corpo. [Aqui, tem um jogo de palavras que Nancy faz com o pensar e o pesar. Pensar é pesar. Nancy numa busca etimológica sugere que pensar vem de pesar, que a palavra *pensare* que estaria numa primeira origem do verbo pensar em francês significa pesar, avaliar, apreciar, contrabalancear. E apenas a letra *n* separa o pesar e o pensar. E o pensamento seria então um exercício de pesar que se vira para tocar nas coisas do real.] Neste sentido, o pensar se aproxima da dança. E esta origem comum estaria nessa questão do peso. A dança lida com o peso. O pensamento lida com o peso. Na dança trata-se de arrancar o peso do corpo, pesando sobre o corpo. No pensamento, pesamos as coisas ao pensar. Não podemos fugir da gravidade. Pensamos pois podemos ficar em pé. Para dançar, precisamos vencer a gravidade, lutar contra ela, para conseguir ocupar o espaço, saltar e sair do chão. “o peso é o seu melhor aliado” repete sempre Jean-Marie, professor de balé, frase que encontra eco no que a coreógrafa francesa Mathilde Monnier fala do corpo que dança “tudo o que se faz, é fugir da gravidade, ao mesmo tempo pesando.” (MONNIER, NANCY, 2005: 99) extrair o peso, pesando. E além do peso há um gasto. Dançar e pensar são uma espécie de gasto, de dispêndio, que está ligado a um esforço, de algo que se libera em movimento, ocupando e criando

espaço. Pensar cansa, dançar cansa. Pensar e dançar se ocupam deste espaço abstrato que nos toca e que tocamos. Pensar é para além do trabalho intelectual, se faz também no movimento, e em movimento pensa sobre as coisas do mundo. E a dança é para além de um exercício físico.

O próprio Nancy diz: "sem nenhuma brincadeira [tricherie], sem nenhuma facilidade, posso dizer que quando penso, eu danço" (MONNIER, NANCY, 2005: 101). O pensamento é manual e espacial. [no sentido em que ele é espaçoso, espaço aberto.] E criador de novos espaços e deslocamentos. Pensar ou pesar as coisas é cavar espaços dentro do ato de pensar.

O escritor francês Louis-Ferdinand Céline em uma entrevista, ao ser perguntado sobre quais seriam suas últimas palavras, respondeu: "*eles eram pesados, os homens.*" Leos Carax, o diretor de *Mauvais Sang*, conta que ao ler isso, se sentiu concernido, que quando criança sonhava em ser astronauta, seu ideal era se tornar leve. Em vários momentos, em diferentes filmes seus esse momento de leveza, de dança, de explosão do corpo trancado é contemplado. Como se numa ocasião ele tivesse que evidenciar essa necessidade do corpo em romper a barreira do espaço e da gravidade; e ser corpo atirado ao espaço. Uma forma de lidar com o peso. O peso do pensamento e o peso do corpo. A dança e o pensamento precisam de espaço para fluírem, e mesmo que não possam fugir do peso gerado pela interação com a força da gravidade, precisam lidar com o peso dessa força, extraíndo esse peso para poderem voar um pouco. Ou até caírem.

Caio, logo existo

e no meio da escrita
a queda de um parágrafo
um salto
uma lufada de ar fresco
mais espaços em branco do que manchas de tinta
dançar dançar dançar
pensar pensar pensar
peso peso penso pe[n]so

Os pensamentos caem, as palavras caem. Tudo cai. O corpo controla as quedas ao dançar. O pensamento enviado ao corpo em um instante se deixa levar, *excreve*, se afasta, se estranha. Dá uma volta que não é um simples passeio, nem um instante de recreação, como a dança de Alex, que não é um intervalo da vida. É a vida mesmo. Uma passagem de vida no filme. A dança marca. O pensamento salta.

Movimento os braços e as mãos desenhando linhas e círculos no ar, a partir da caixa torácica, com o plexo solar aberto. Braços ondas. O movimento dos braços vem do meio das costelas, do meio das costas. O pensamento vem de dentro deste corpo que abre os braços. Estamos fora ou dentro? O pensamento também precisa de espaço, é deslocamento que vai e volta, um gesto, um toque em movimento. Em busca de algo desconhecido, que ainda não se pensou, que ainda vai nascer, que vai saltar. Ser espaço.

REFERÊNCIAS

BORGES, Hélia. *Sobre o movimento: o corpo e a clínica*. Tese de doutorado. IMS, UERJ, 2009.

disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp092653.pdf>

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: éditions Métailié, 2000.

NANCY, Jean-Luc. *L'évidence du film Abbas Kiarostami*. Bruxelles : Yves Gevaert Éditeur, 2001.

NANCY, Jean-Luc, MONNIER Mathilde. *Allitérations, Conversations sur la danse* avec la participation de Claire Denis. Paris: Éditions Galilée, 2005.

NANCY, Jean-Luc. *58 indícios sobre o corpo*. tradução de Sérgio Alcides a partir de "58 indices sur le corps" in *Corpus*, Ed. revista e aumentada: Métailié, 2006.

REV. UFMG, Belo Horizonte, v.19, N 1e2, p.42-57, jan/dez 2012.

disponível

em:

https://www.ufmg.br/revistadaufmg/pdf/REVISTA_19_web_42-57.pdf.

acesso em: 01/06/2013.

ENTREVISTA INTERNET

NANCY, Jean-Luc. 2004. Entrevista com Jean-Luc Nancy por Véronique Fabbri. *Rue Descartes* 2004/2 (n° 44), p. 62-79. DOI: 10.3917/rdes.044.0062

<http://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2004-2-page-62.htm>

acesso em: 02/09/2011.

FILMES

Sangue Ruim (Mauvais Sang) de Léos Carax – 1986

Le corps du philosophe de Marc Grün – 2003

(disponível em <http://www.filmsdocumentaires.com/films/582-jean-luc-nancy>)